

AS MÍDIAS E A MODERNIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX AMAZÔNICO

Media and modernity at the beginning of the 20th Amazonian century

Los medios y la modernidad a principios del siglo XX amazónico

Luis Francisco Munaro^{1, 2, 3}

RESUMO

As tecnologias de mídia atuaram em consonância e mesmo se tornaram potencializadoras da dispersão de hábitos modernos nas cidades amazônicas. Os jornais textualizaram a modernidade a partir de características muito particulares às nascentes cidades gomíferas. A eles se somariam, mais tarde, outras tecnologias como o cinema e o rádio, também estes recursos midiáticos que permitiram a construção de um discurso da e sobre a Amazônia. Neste breve e desprezioso texto, as mídias e seu ingresso na Amazônia serão exploradas em dois momentos: num primeiro uma interpretação da consolidação da palavra impressa por meio dos jornais na Amazônia brasileira como um todo; num segundo uma indagação sobre a importância do cinema e do rádio no quadro de expansão das sociabilidades e modernização das principais cidades amazônicas. Ambas as partes do texto compõem uma exploração

PALAVRAS-CHAVE: História da imprensa; Mídias amazônicas; Modernidade; Cinema; Rádio.

¹ Professor adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Graduado em História e em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: luismunaro@yahoo.com.br.

² Este texto contém correções e atualizações importantes com relação ao paper apresentado no GT Historiografia da Mídia integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia em 2017, na Universidade Mackenzie, São Paulo.

³ Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal de Roraima - Curso de Comunicação Social – Jornalismo. Campus Paricarana: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413. Bairro: Aeroporto. Boa Vista / RR. Brasil. CEP: 69304-000.

ABSTRACT

The media technologies acted in consonance and even potentiated the dispersion of modern habits in the Amazonian cities. The newspapers have textualized modernity from very particular characteristics to the nascent rubber cities. With them, later, other technologies like cinema and radio would add, and help to allow the construction of a discourse of and on the Amazon. In this brief and unpretentious text, the media and their entry into the Amazon will be explored in two moments: first an interpretation of the consolidation of the printed word through newspapers in the Brazilian Amazon as a whole; In a second an inquiry about the importance of cinema and radio in the context of expansion of sociabilities and modernization of the main Amazonian cities. Both parts of the text are part of an exploration of what may be preliminarily called an Amazonian modernity.

KEYWORDS: History of the press; Amazonian media; Modernity; Cinema; Radio.

RESUMEN

Las tecnologías de los medios de comunicación actuaron en consonancia e incluso se tornaron potencializadoras de la dispersión de hábitos modernos en las ciudades amazónicas. Los periódicos textualizaron la modernidad a partir de características muy particulares a las nacientes ciudades gomíferas. A ellos se sumar, más tarde, otras tecnologías como el cine y la radio, también estos recursos mediáticos que permitieron la construcción de un discurso de y sobre la Amazonia. En este breve y desprentoso texto, los medios y su ingreso en la Amazonia serán explorados en dos momentos: en un primero una interpretación de la consolidación de la palabra impresa por medio de los periódicos en la Amazonia brasileña como un todo; En un segundo una indagación sobre la importancia del cine y de la radio en el marco de expansión de las sociabilidades y modernización de las principales ciudades amazónicas. Ambas partes del texto forman parte de una explotación sobre lo que puede ser preliminarmente llamado de una modernidad amazónica.

PALABRAS CLAVE: Historia de la prensa; Medios amazónicos; Modernidad; Cine; Radio.

Recebido em: 01.07.2018. Aceito em: 12.08.2017. Publicado em: 29.08.2017.

Foram notáveis as transformações do ambiente social e político na Amazônia brasileira através da difusão da cultura impressa a partir de meados do século XIX. O estudo dessa difusão permite forjar uma compreensão sobre a institucionalização de uma nova forma de ler o mundo afinada com perspectivas econômicas e culturais europeias. Mais do que isso, permite perceber a tentativa de inserção de regiões periféricas da Amazônia num sentimento nacional e republicano que estava sendo gestado e tinha nas transformadas cidades a sua principal vitrine.

O deslocamento que se observa desde a iniciativa dos intelectuais ilustrados Felipe Patroni e João Batista Campos, considerados os primeiros jornalistas na Amazônia brasileira, responsáveis por *O Paraense* em 1822, passando gradualmente para uma imprensa urbana com o crescimento das cidades a partir da década de 1850, permite pensar um novo perfil de produção impressa que se desloca da difusa ideia de Amazônia como “país” em

direção à cidade amazônica, isto é, do Grão-Pará como província portuguesa para Belém e Manaus enquanto cidades cosmopolitas. Pensar o Império, nesse sentido, já não era mais tão importante quanto experimentar a cidade em seu processo de modernização. A extensão dos circuitos de venda da borracha vai incluir uma série de outros locais nesse novo padrão de reflexividade no qual o impresso cumpre um papel nuclear: Itacoatiara, Manicoré, Lábrea, Parintins, Cametá, Bragantina, Acre, Rondônia e outros pontos importantes da rede hidrográfica amazônica.

A mídia impressa se converteu no final do século XIX num elemento fundamental para o processo de constituição de uma identidade amazônica, permitindo o seu diálogo com o restante do Brasil, ainda que isso acontecesse na forma de uma negociação sempre tendente a absorver a nação forjada a partir do Rio de Janeiro. Nesse sentido, este artigo pretende fornecer um caminho para a compreensão da mídia como um suporte para a construção de

uma modernidade amazônica com características bem particulares, ao mesmo tempo apresentando tecnologias midiáticas na Amazônia não como se fossem ilhas de mediação, mas *meios* interdependentes uns dos outros na sua transformação e vinculação com públicos ainda em processo de construção.

Além do impresso e seu relativo estado de consolidação na Amazônia na virada do século XIX para o XX, já é possível perceber a preocupação com o cinema que aparece como uma cultura paralela e gradativamente mais importante que a do teatro. Se o cinema se apresentou como símbolo de uma elite urbana e da afirmação de hábitos cosmopolitas, bastante vivo quanto à experimentação de novidades europeias, o rádio teve uma inserção tardia na Amazônia e foi percebido, na década de 1930, como uma possibilidade de retorno aos momentos áureos da modernização urbana perdidos com a decadência da venda da borracha amazônica na década de 1910.

No início do século XX já é possível vislumbrar o estabelecimento definitivo

do jornalismo impresso nas cidades como uma atividade capaz de apresentar e fazer parte de projetos vinculados à racionalização das funções públicas e abertura para discursos cosmopolitas; ao mesmo tempo, apresenta-se como um instrumento de fundamental importância para a organização de clubes, agremiações e construção de um saber orgânico sobre a cidade. Nessa mesma direção, a incorporação definitiva do telégrafo e da eletricidade em Belém e Manaus, os primeiros teatros e as salas de cinema e, mais tarde, o rádio artesanal que só adquiria dimensão industrial com os interesses de Assis Chateaubriand na década de 1940 se tornaram topônimos para uma rápida modernização que é fundamentalmente uma tentativa de *negociar* com a cultura ocidental.

O aprofundamento dos estudos sobre a inserção de multiplicidade de tecnologias de mídia na Amazônia permite perceber as transformações no imaginário amazônico e suas estratégias de negociação com o Brasil, sua busca pelo ingresso e participação na nacionalidade brasileira, mas, sobretudo,

a tentativa de desenhar uma identidade amazônica onde se mesclam a ideia de um povo industrioso e uma selva fecunda. A primeira metade século XX na Amazônia possui, na estrutura dos jornais que configuram um retrato político da época, a tentativa muito explícita de imaginá-la como uma parte integrante do país. Este período é marcado por dois acontecimentos econômicos de maior vulto: a interrupção dos recursos provenientes da borracha na década de 1910 (SANTOS, 1973, p. 15), com consequente depressão econômica e estagnação do crescimento urbano que logo se seguiram, e a retomada do crescimento econômico e migração de nordestinos na década de 1940 com o segundo ciclo da borracha. É preciso dizer que nossa atenção, neste texto, está sobretudo no primeiro ciclo.

No que diz respeito às sociabilidades urbanas em Belém, Manaus, cidades próximas a estas duas urbes e também as cidades acreanas, ainda eram firmemente estruturadas pelo discurso dos jornais. O cinema se apresentaria como uma mídia capaz de

promover alterações nos padrões de sociabilidade e formas de construção do conhecimento de forma mais gradual, ao longo da década de 1910 em Belém e Manaus. Muito embora a enorme multiplicação de salas de cinema, a produção local de filmes e representações sobre a Amazônia permaneceu incipiente. Como lembra Selda Costa, foi a companhia Fontenelle & Cia que, a partir de 1907 se converteu na maior proprietária de salas de cinema em Manaus (1997). Em Belém, o passo inaugural foi dado pelo Cine Olimpia, até hoje o mais antigo em funcionamento do Brasil. Nesse período, também há registros esparsos de projeções cinematográficas em cidades do interior, sobretudo na forma de expressão de “maravilhas modernas” importadas da Europa e Estados Unidos.

Os elementos de destaque da produção cinematográfica amazônica são, como é de praxe salientar, os documentários de Silvino Santos, encarregado, num primeiro momento, por J. C. Arana, barão da borracha, de “melhorar” a sua imagem pública através

das películas de cinema, o que acabou servindo de treinamento para a realização de "Paiz das Amazonas" em 1922. Ainda há que mencionar Ramón de Baños no Pará, Thomaz Reis em Rondonia, concentrados sempre no gênero documentário, já que a região e seu exotismo pareciam ser o suficiente para impulsionar a produção de filmes. De uma forma geral, tomando Silvino Santos como topônimo, as produções recriavam o mito do Eldorado, na esteira da propaganda genérica que se fazia sobre a Amazônia no período como o "far west" brasileiro. No que diz respeito ao rádio, tentando percebê-lo em conjunto com estas outras mídias já estabelecidas, sua introdução foi tardia, na Manaus de 1927, ainda que o seu papel desde então tenha sido crescente, como demonstram os competentes estudos de Eugênio Nogueira (1999). A partir de sua inserção ele alcançou dimensão verdadeiramente urbana somente com a modernização do equipamento de radiodifusão promovido por Assis Chateaubriand na década de 1940.

Estas mídias apresentam-se num processo de construção diacrônico que nem sempre caminha num ritmo semelhante ao do restante do país, mas revelam, no período estudado, forte sincronia com os ciclos econômicos de venda da borracha. Sem exceção, elas permitem identificar novas formas de sociabilidade, formação de linguagens políticas e sobretudo apropriações modernas no ambiente amazônico. Nesse breve e despretensioso texto, elas serão exploradas de forma apenas preliminar, dividindo-se em dois momentos: num primeiro, uma interpretação da consolidação da palavra impressa por meio dos jornais na Amazônia brasileira como um todo e seu papel na estruturação de discursos modernos; num segundo, a indagação sobre o papel de outras mídias que participaram na estruturação de discursos na e sobre a Amazônia compondo também o processo de modernização urbana. Sobretudo a segunda parte faz parte de um embrião para projetos que envolvam estudos capazes de compreender a interseção entre variedades de tecnologias

mediáticas e o desenvolvimento e expansão das culturas amazônicas. Estes estudos, dada a dimensão da Amazônia, serão possíveis apenas com a consolidação de redes de pesquisadores de história da mídia voltada para os mais variados formatos discursivos e plataformas midiáticas em todos os estados do Norte do Brasil.

Uma cultura impressa na Amazônia

Alguns nomes importantes dos estudos de imprensa no Brasil como Nelson Werneck Sodré, Marialva Barbosa e Lavina Madeira Ribeiro assinalaram a transição da pequena para a grande imprensa durante o início do período republicano, período no qual surgiram as estruturas jornalísticas que acompanharam equipamentos gráficos e a organização funcional do jornalismo (SODRÉ, 1966; BARBOSA, 2000; RIBEIRO, 2004). Tornou-se também mais complexa a relação entre anunciantes, jornalistas, políticos e leitores e criou-se um *modus operandi* específico no que diz respeito ao exercício jornalístico. Segundo Sodré,

esta transformação na mídia impressa acompanhou a ascensão da burguesia – ou pelo menos de camadas urbanas vinculadas ao comércio – no Brasil. Desapareceria, assim, a empresa individual jornalística para dar lugar ao sólido empreendimento capitalista (SODRÉ, 1966).

Numa leitura semelhante, Lavina Ribeiro notou as transformações que caracterizaram a imprensa no início do período republicano, cada vez mais voltada para aspectos da vida urbana em detrimento dos grandes temas políticos que orientaram a imprensa artesanal do Brasil monárquico (2004). Contudo, enquanto no Rio de Janeiro estes impressos começaram a se tornar cada vez mais concentrados num modelo empresarial de jornalismo, quer dizer, em empreendimentos com fisionomia industrial, inclusive absorvendo inovações tecnológicas como o processo da linotipia, na Amazônia permaneceram por mais tempo os empreendimentos artesanais. É possível notar, inclusive, que no início do século XX há mais títulos de jornais em circulação em Manaus do que

no Rio de Janeiro (PINHEIRO, 2015). Fica nítido, nesse processo, a transformação da discussão sobre a identidade nacional, quer dizer, sobre uma nação ainda difusa, um império recém transformado em Estado nacional pela força de um Partido Republicano mambembe com ramificações estaduais, numa discussão sobre a modernização e construção das cidades, que passam a ser as vitrines desta República tardia no contexto da América Latina.

Na Amazônia, o surgimento das cidades e vilas periféricas é evidentemente anterior à proclamação da República e acompanhou o comércio da goma elástica em 1850 e a disposição de várias rotas para a navegação abertas por companhias estrangeiras (GREGÓRIO, 2012). No mesmo período, o Amazonas foi elevado à condição de província e Manaus se tornou capital, atraindo uma jovem burocracia composta de elementos de outros estados e, ao mesmo tempo, se tornando o hub de informações de todo o interior amazônico. As rotas de navegação para o interior e os espaços de coleta da goma elástica foram os fatores

determinantes para a construção de inúmeras cidades às margens dos rios. Os navios a vapor, os trilhos do trem, a eletricidade e o telégrafo passaram a ser apresentados como indícios de modernização, quer dizer, como um demonstrativo da capacidade humana de vencer o "inferno verde", na expressão dos escritores Alberto Rangel (PAIVA, 2011). Os homens que construíam estas cidades reivindicavam o seu espaço na nacionalidade brasileira por meio dos jornais, justificando que haviam lutado pela definição dos limites brasileiros, como no caso mais destacado dos nativistas acreanos *esquecidos* pela República durante a decadência da borracha (MUNARO e MODESTO, 2017). A comunicação é assim considerada um suporte para a civilidade. Comunicar, seja pelo telégrafo ou pela leitura de jornais, é abrir-se para o mundo (nesse caso o mundo europeu), apresentar costumes modernos e mostrar-se disponível para a conversa.

Em sua forma mais embrionária, os jornais amazônicos surgem quase concomitante ao município, constituindo-

se em imprensa oficial e fazendo eco às necessidades políticas dos coronéis, lembrando o esquema político descrito por Vitor Nunes Leal como “coronelismo, enxada e voto” (LEAL, 2012). Seu objetivo, portanto, era consolidar o poder de um grupo municipal em torno do qual orbitava a vida comunitária da cidade. Gradativamente, com o crescimento dos municípios e a complexificação da vida urbana, tornou-se possível perceber a formação de grupos de opiniões nem sempre muito dispostos ao diálogo. Sua tonalidade geral é a disputa ao acesso à política institucional da prefeitura, em quase todos os casos próxima do Governo Estadual e dos partidos republicanos. Estar próximo do Governo Estadual – encarnação máxima do Partido Republicano – era ter diante de si o aparelho administrativo do município.

De uma forma geral, pode-se dizer que os jornais revelavam o anseio de elites recentes, resultantes da interiorização do aparelho administrativo do Estado na Amazônia, em estabelecerem um dizer-suporte sobre si mesmas, configurarem um espaço de

aparição, uma esfera pública embrionária, demonstrando, por um lado, sua capacidade de organização política e, por outro, sua capacidade de autocontrole e construção de civilização em meio ao sertão. Poder-se-ia mesclar, aqui, a ideia de modernização, segundo a qual a sociedade deve se apresentar num modelo urbano e industrial ou protoindustrial, e civilização, segundo o qual a sociedade deve ser capaz de refrear impulsos, apresentar costumes mais polidos e contidos, segundo a compreensão fornecida por Norbert Elias.

Os jornais nas pequenas cidades se compreendem como ilhas de letramento e espaços de efetivação da modernidade nacional. Essa importância atribuída a si mesmos revela o tamanho do empreendimento que significava a importação de uma máquina de tipos na Amazônia (ou mesmo a impressão feita nas capitais Manaus e Belém e importada para as cidades do interior), o estabelecimento de uma proposta editorial, o pleiteio de apoios políticos e a busca pelas notícias. Em boa parte dos casos, a atividade editorial e jornalística

era uma atividade fundamentalmente política: o jornal surgia em conjunto com o município (a maior parte deles no final do século XIX), era parte constituinte da burocracia e atendia, ainda que sob a égide de uma imparcialidade pouco compreensível para os próprios redatores, os interesses de um prefeito que era, também ele, componente de uma elite recente.

No interior desse processo de modernização apressada e identificação através da mídia, o jornalista precisava vencer também o sertão: ele precisava, assim, justificar sua existência ao leitor, demonstrar a importância de um jornal para a configuração dos espaços na cidade, envolver-se de alguma forma com estes espaços atribuindo-lhe sentidos. Em boa parte dos casos, a via pela qual essa modernidade entrava era o rio: daí a importância do comércio pelo vapor que trazia produtos, novidades e visitantes ilustres, tudo escorado nas trocas propiciadas pelo boom da borracha. Os rios e os vapores são assim uma peculiaridade dessa modernidade amazônica, entendida como um anseio

por se livrar de heranças tradicionais, tanto aquelas referentes às sociedades rurais indígenas quanto aquelas referentes ao Brasil monárquico. Além disso, a busca de uma racionalidade intrínseca no conteúdo dos jornais, a superação da fé e a tentativa de se escorar num discurso republicano, a ênfase em descobertas científicas e na compreensão da vida por meio dos estudos que começam a ganhar espaço em toda a Amazônia – mas sobretudo aqueles que anunciam descobertas tecnológicas de outros países. Nessa mesma direção, o surgimento de espaços de saber como teatros, cinemas, cafés e a primeira universidade brasileira, a breve Escola Universitária Livre de Manaus, criada em 1909, que deu origem à Universidade Federal de Manaus.

No caso do Pará, segundo os estudos de Netília Seixas e Jessé Brígida, a principal preocupação dos periódicos que se iam interiorizando gradativamente foi a vida municipal, quando os seus antecessores, os grandes jornais pioneiros do Pará, tematizavam o Império e o papel que nele cabia à Amazônia (Grão-Pará).

Há, nesse sentido, uma transformação gradual entre a ideologia nacional e a crônica da vida urbana que vai indicar a importante passagem para a República: cada vez mais o objeto de reflexão dos jornais se concentra na cidade em formação e busca identificar suas potencialidades, seus espaços, as novidades que nela circulam (BRÍGIDA e SEIXAS, 2017).

No Acre, o movimento de vapores através dos rios Purus e Juruá se tornou contínuo com o avanço do ciclo da borracha e dos movimentos migratórios do Nordeste. A formação de uma elite de seringalistas foi a responsável pela luta emancipatória contra o governo boliviano no início do século XX. O resultado desse embate, na estrutura dos jornais nascentes, apareceu na forma de um nativismo exaltado, reforçando a luta e a posição do Acre na formação da República brasileira. Conforme avançava a crise sobre a comercialização da borracha na década de 1910, os jornais passaram a mencionar a mendicância nas ruas, o esquecimento, o fim da antiga vivacidade urbana (MUNARO e MODESTO, 2017).

No Amapá, como lembram Isabel Augusto e Andreia Torres, a precoce iniciativa do jornal o *Pinsonia*, de 1895, reflete as pretensões brasileiras sobre o território amapaense diante de pressões venezuelanas, com a convergência das doutrinas nacionais republicanas em 1889 (AUGUSTO e TORRES, 2017). Em Rondônia, a ocupação relacionada ao ciclo da borracha data das últimas décadas do século XIX: a formação do núcleo urbano de Porto Velho remeteu à construção da ferrovia Madeira Mamoré, depois de sancionado o Tratado de Petrópolis (COLFERAI, 2017). Nesse período de construção (1907-1912) surgiram três títulos de jornais em língua inglesa voltados para os funcionários norte-americanos da ferrovia. Da mesma forma que no Pará e Amazonas apareceram jornais filiados a partidos republicanos, buscando estender o alcance da República mas sobretudo das agremiações políticas que tinham sede em Manaus (COLFERAI, 2017).

No caso de Roraima, as principais iniciativas tipográficas derivaram das atividades dos monges beneditinos, que

buscaram dar um contorno cristão à ocupação da região, instruindo os poucos habitantes da vila de Boa Vista a evitarem o contágio com religiões consideradas apócrifas. Nesse caso, montou-se uma breve disputa entre os missionários e os maçons, dois dos grupos que lutavam para se estabelecer na região. Por fim, Tocantins apresentou a malha jornalística mais distante do conjunto da Amazônia, em virtude do seu principal vínculo político, social e econômico estar relacionado a Goiás. Segundo Francisco Gilson Porto (PORTO TORRES et al, 2017), o *Jornal Norte de Goyaz*, principal iniciativa jornalística na região até 1920, participou intensamente do processo político de instalação da estrutura republicana na região defendendo, ao mesmo tempo, a fragmentação do estado do Goiás.

Em todos estes casos, ansiava-se pela modernização urbana, pela fuga do estigma do atraso, em suma, pelo estabelecimento de costumes próximos daqueles ostentados pelos europeus que cada vez mais circulavam na região. Nessa mesma direção, o discurso

republicano revelava planos grandiosos nos quais o *homem amazônico* negociava sua participação, através do seu ingresso na cultura letrada e da adesão a costumes urbanos e civilizados. Esboça-se a partir disso uma nova forma de ler o mundo afinada com perspectivas econômicas e culturais europeias, identificadas com a ideia de um Estado nacional e ciosas de configurar uma consciência nacional.

Muitas dessas localidades sequer eram cidades, apenas municípios que comportavam um aparelho administrativo arbitrado pelo poder do coronel. Mais do que a disputa local, tanto os jornais das periferias amazônicas quanto os jornais das capitais demonstravam ressentimento e ambição de participar do renovado circuito cultural republicano, através do qual poderiam reafirmar as qualidades modernas das urbes que coexistiam com as dificuldades do analfabetismo. Esta imprensa dependente da existência de círculos letrados se complexificou com o avanço do século XX, incorporando o uso de imagens e formas de redação mais simples, direcionadas inclusive aos públicos operários em Manaus e Belém.

Sobretudo, a extensão do telégrafo, o surgimento das salas de cinema, os primeiros sinais de rádio e a fotografia, permitiram a dinamização das formas de produção de conhecimento e interação urbanas.

Problematizando o cinema e o rádio

Até o início da década de 1930, apenas Manaus e Belém manifestaram formas mais prósperas de produção cinematográfica e formas embrionárias de produção radiofônica que são sobejamente descritas no discurso dos jornais impressos. Daí a discussão sobre o rádio e o cinema ficar confinada a estas cidades, quando a discussão sobre a mídia impressa tornou possível alcançar de forma mais ampla a Amazônia e suas periferias em processo de urbanização. Tanto quanto a introdução da mídia impressa, as iniciativas que levaram o rádio e a produção cinematográfica para o norte do país se devem a esforços políticos, estando intimamente ligadas à tentativa de expandir uma visibilidade governamental. Os trabalhos

historiográficos que forneceram respaldo substantivo para a construção de um panorama sobre a instalação do rádio e do cinema na Amazônia foram sobretudo de Márcio Souza, Eugenio Nogueira e Selda Costa.

De uma forma geral, tanto quanto a cultura impressa estabelecida entre os séculos XIX e XX, as produções culturais no cinema e na rádio refletiam o desejo do homem amazônico de figurar no panorama político brasileiro, garantir uma identidade e uma forma própria de filiação, fixar uma memória relativa à importância da sua terra e gente, como se pode ver no documentarismo emblemático de Silvino Santos, com o *Paiz das Amazonas*, de 1922. A insegurança do amazônida se refletia nessa necessidade de reafirmar a sua contribuição substantiva para a composição do Brasil. Lentamente, o que inclusive não pode ser percebido mais explicitamente no recorte adotado por este texto, o conteúdo dessas produções se desloca do europeu e vai em direção ao caboclo, para isto tendo sido fundamentais as iniciativas de Getúlio

Vargas na década de 1930 e a introdução de uma cultura radiofônica capaz de alcançar setores da população ainda não alfabetizados. Marcio Souza lembra que, com maior sensibilidade, a literatura conseguiu capturar, sobretudo através de Alberto Rangel e Euclides da Cunha, o estado decrépito de vida ostentatória dos seringalistas, a exploração da pobreza nos seringais, a vida promíscua e a cultura transformada num adorno para aparições públicas incipientes; em suma, o caráter socialmente excludente e deletério de uma modernidade forjada sobre o trabalho semiescravo (SOUZA, 2007, p. 62). Ainda para o autor, o documentarismo de Silvino Santos conseguiu, através da exposição dos seringais, seringueiros e seringalistas, começar a desnudar, muito embora este não tenha sido o seu propósito, a grotesca inumanidade do sistema de exploração extrativista da Amazônia. De qualquer forma, até o final da década de 1920 o caboclo, figura fundamental para a compreensão da Amazônia, não aparecia senão de forma muito ambígua nestas mídias. Somente o jornalismo

impresso, que esboçava em seu bojo preocupações sociais, como no caso da imprensa operária, absorvia nas suas páginas setores mais amplos da população (PINHEIRO, 2014).

Ainda que no período abordado a produção do cinema fique restrita ao documentarismo ou, no caso do rádio, à produção erudita e comercial, ela constitui um impulso para a complexificação das relações sociais e também impulsiona a criação de novas formas de inteligibilidade sobre o mundo. Marshall McLuhan levou ao extremo essa percepção ao dizer que o meio é a mensagem, quer dizer, o meio de comunicação configura a forma como os homens constroem conhecimento e “determina” o alcance dessas possibilidades (1973). A passagem de uma cultura impressa para uma cultura “eletrônica”, na percepção do autor, teria permitido ao homem moderno reconstruir antigas formas de interação “esquecidas” com a supremacia da cultura impressa, tornando possível a ideia de uma grande aldeia de dimensão global integrada pelo uso da eletricidade.

Apesar de guardar enormes limitações, essa grelha conceitual ajuda a compreender a permeabilidade do rádio na Amazônia, ainda hoje fortemente ligada à comunicação oral.

No que concerne ao cinema, Selda Costa conseguiu mapear o vínculo entre a cultura da opulência e modernização nas cidades de Manaus e Belém e seus espaços nascentes, teatros e templos culturais. A autora aponta a existência de vários espaços que puderam abrigar as salas de cinema e se tornar símbolos das práticas sociais das classes mais abastadas e, gradativamente, também das classes populares. Nesse sentido, os discursos não só são intimamente dependentes da materialidade em que se encontram inscritos como também dos espaços em que podem circular. Tanto o cinema enquanto espaço como o cinema enquanto arte ajudam a intercambiar novas formas de perceber a Amazônia. Como apontou Lucien Febvre, em estudo que se tornou emblemático da "nouvelle histoire", certos pensamentos não podem sequer ser efetivados sem que para isso haja vocabulário e um espaço onde ele

possa ser intercambiado e compreendido (2009). Os discursos e o cosmopolitismo modernos não podem ser pensados independentemente destas trocas culturais que vão desde as tavernas até os salões frequentados pela elite. A cultura urbana nas duas grandes cidades amazônicas é assim penetrada pelo gosto europeu, o que inclui, evidentemente, o interesse por novas formas de representação artística e cultural. Os espaços subitamente erguidos, as formas de consumo cultural e também o cinema se imbricam nessa remodelação da cultura urbana, como lembra Selda Costa:

É o momento do consumo cultural desenfreado: óperas e *ballets* clássicos, os últimos romances franceses, dramas e comédias teatrais italianas e francesas do momento, alegres *vaudevilles*, picantes canções e loucas danças parisienses e, por fim, *filmes*! Nesse período de efervescência consumista, em plena selva, o Amazonas arrisca-se a produzir cinema, um produto por excelência da indústria moderna (COSTA, 1996, p. 4, grifos da autora).

A autora ainda sugere que, apesar das dúvidas iniciais com relação ao potencial e alcance do cinema (visto como sinônimo de cinematógrafo), logo

dirimidas pela sua conversão numa expressão artística *sui generis*, ele não demorou a alcançar as classes abastadas se tornando, na linguagem da época, “um flagelo epidêmico”:

O cinema demorou a afirmar-se em Manaus, mas depois que conquistou o gosto do grande público e, mais tarde, com os *filmes de arte*, a admiração da elite endinheirada, reinou absoluto, a todos contaminando com sua magia, chegando a ser comparado a uma verdadeira praga: *‘Manaus presentemente atravessa uma crise assustadora em tudo. Desde a praça, que é a mais feroz, até a do bom gosto. Diversões aqui só se resumem nesse flagelo que é o epidêmico cinema’* (Correio do Norte, 1911) (COSTA, 1997, p. 33, grifos da autora).

Num primeiro momento, a escolha de espaços de circulação das elites econômicas para a inauguração dos aparelhos de cinema tornava inviável o contato da grande maioria da população com as produções cinematográficas (COSTA e COSTA, s/d). A partir de 1907, ainda em Manaus, começou-se a cogitar de fato a possibilidade de haver lucro empresarial no cinema e expandir-se as sessões absorvendo maior variedade de películas. O “Casino Teatro” inaugurou a

construção de espaços destinados exclusivamente às exposições cinematográficas (Ibid.). Gradativamente, a partir da década de 1910, estas projeções alcançaram um número maior de espaços, apesar da fuga de recursos econômicos com a decadência do comércio da borracha. Como temos visto ao longo deste artigo, as condições de florescimento das mídias estão diretamente vinculadas à possibilidade de tornar uma nova mídia expressão da vontade política ou de necessidade comercial, ainda que, nesse caso, tenham permanecido como símbolo de uma elite que, mesmo em franco processo de decadência, precisava manter com esmero os hábitos de consumo cultural. Até meados da década de 1910, pelo menos 10 salas de exibição de cinema apareceram em Manaus. E, na década de 20, já estavam consolidadas as salas Alcazar, Polytheama e Odeon e as salas CineTeatro Manaus, Cine Popular e Cine Glória (Ibid.).

Também no início do século XX surgiram as primeiras produções de cinema que tematizavam diretamente a

região amazônica. Até pelo menos 1935, excetuando-se as produções de Silvino Santos, estas filmagens tinham como objetivo fundamental conhecer as funcionalidades da câmera cinematográfica e identificar sua aplicabilidade para registrar imagens da região (COSTA e COSTA, s/d). Ainda segundo Selda Costa, as primeiras filmagens almejavam a propaganda e não visavam, necessariamente, aprofundar uma compreensão sobre a Amazônia. Ao longo da década de 1910, quando o esplendor das cidades de Manaus e Belém começou a dar sinais de cansaço, as gravações ainda incipientes foram utilizadas com o objetivo de popularizar as imagens da região e atrair interesses de outras partes do país ou mesmo da Europa.

Com o apoio do governo Alcântara Bacellar (1917-1921), no Amazonas, se tornou possível a construção da seção cinematográfica "Amazônia Cinefilm", por meio da qual Silvino Santos registrou as imagens de Manaus e arredores que figurariam em vários de seus filmes. Seu intuito, como se viu, era popularizar a

região, mostrar suas potencialidades econômicas e sua capacidade de recuperação diante da crise da venda da borracha amazônica. Assim, estas produções exploravam os encantos e mistérios da hinterlândia e ampliavam mitos e ilusões sobre o Eldorado (COSTA, 1997). Mesmo, portanto, que não tenham se estendido ou dado visibilidade a camadas mais amplas da população, elas ampliaram os padrões de reflexividade da Amazônia e ajudaram-na a compreender as condições bem particulares de sua modernidade. As projeções de Silvino Santos, assistidas pelas elites de Belém e Manaus e também por elites europeias, reconfiguravam o olhar sobre o "inferno verde" de Alberto Rangel mostrando que a sua ocupação e modernização eram possíveis. Ainda que não tenham tematizado o "homem amazônico", ampliaram o campo de visão da Amazônia ajudando-a a forjar uma compreensão sobre os seus espaços.

Da mesma forma, o rádio foi fundamental para a construção de círculos de identificação e socialização de saberes, muito embora seu início tenha

sido bem mais tardio em virtude da decadência do comércio da borracha. Tanto em Manaus quanto em Belém fica nítido que o rádio começou a cumprir, a partir da política do Estado Novo em 1930, um importante papel de interlocução com setores mais amplos da sociedade, a partir da ideologia da integração nacional. Eugênio Nogueira traçou uma cronologia que sugere três períodos para a construção do rádio no estado do Amazonas: Germinação (1927-1942), com o início das transmissões telegráficas; floração (1943-1965), com a expansão das atividades de Assis Chateaubriand; frutificação (1966-1990), com a entrada das rádios de frequência modulada (FMs). Apesar do papel comumente dado ao rádio de comunicação popular, Érito Oliveira sugere que seu uso mais extensivo na década de 30, pelo menos no que tange a Belém, tinha finalidade política e se beneficiou largamente dos poderes instituídos (OLIVEIRA, 2009, p. 2). Foi a chegada dos investimentos de Assis Chateaubriand na década de 1940 que dinamizou o uso do rádio e aproximou-o

definitivamente de uma apropriação popular.

Ainda que, portanto, como no caso de toda a inovação tecnológica tenha se visto, num primeiro momento, restrito às elites, ele se popularizou conforme os receptores foram alcançando preços mais baixos ou se disseminou o hábito de ouvir programas de rádio em espaços públicos. Segundo Nogueira, em 1940 estavam registrados em Manaus 1050 receptores de rádio (NOGUEIRA, 1999, p. 131). Dada também a persistente limitação da energia elétrica, o rádio ainda hoje serve propósitos de informação, transmissão de recados e mesmo objetivos doutrinários em localidades mais distantes das cidades. A ideia inicial da cultura radiofônica de ser mantida por sócios e assinantes capazes de financiar aparelhos receptores, como observam Luciana Costa (2011) e Érito Oliveira (2009), começou a dar lugar, na década de 1930, à publicidade legalizada que foi absorvida pela programação e lhe deu um caráter mais popular, substituindo as propostas inicialmente eruditas. Em ambos os casos o rádio teve

seu início associado à iniciativa estatal. Segundo Luciana Costa, no que diz respeito ao Amazonas,

Ephigênio Salles [1926-1929], fascinado pelos adventos tecnológicos de comunicação da época, tornou-se um dos maiores interessados pelo aprimoramento urbano de Manaós, como era então chamada a capital do estado do Amazonas. Seu interesse fez com que buscasse recursos que viriam a expandir o sistema de radiotelegrafia existente na capital, desde 1910. Salles tinha em seus ideais a busca pela erradicação do analfabetismo (COSTA et all, 2011, p. 3).

As edificações da Amazon Telegraph, que abrigavam uma estação radiofônica fabricada pela companhia Marconi, serviram de suporte para o programa “Voz de Manaós”, que tinha como intuito “transmitir para os municípios do interior dados e informações atualizadas das cotações e valorizações dos produtos naturais nas bolsas internacionais, a situação da moeda brasileira e o câmbio exterior” (NOGUEIRA, 1999, p. 39). Outro serviço importante realizado pela rádio era o anúncio de chegada e saída de embarcações e as realizações do governo estadual.

Também artistas e músicos populares, sobretudo seresteiros, começaram a aparecer na programação das rádios. Apesar disso, a irregularidade das transmissões e a pouca intimidade dos profissionais com os mecanismos do rádio fizeram com que a “Voz de Manaós”, primeiro programa radiofônico da Amazônia, não caísse no gosto da capital. Por outro lado, os interesses políticos e econômicos ligados à administração Ephigênio Salles acabaram tornando maior a penetração da rádio no interior do Estado, com as estações telegráficas em Tefé, Benjamin Constant, Humaitá, Borba e Maués (NOGUEIRA, 1999, p. 38). A partir daí começou a se esboçar, de fato, o papel fundamental da rádio nas comunicações relativamente ao interior amazônico (Ibid). Em Belém, como lembra Érito Oliveira, o Rádio Clube do Pará no início da década de 1930 sobrevivia de taxas e mensalidades de associados que davam privilégios como o acesso à sede da emissora para assistir ao programa ao vivo, “ao qual somente terão entrada os sócios quites com suas excelentíssimas famílias” (*A Folha do*

Norte, 29/05/1931, Apud OLIVEIRA, 2009, p. 3).

Percebe-se assim que tanto quanto as salas de cinema e os jornais, o rádio cumpria um papel socializador capaz de alterar as formas de construção de cultura, ou então potencializar formas de produção de cultura até então ignoradas, desta vez inclusive mais ariscas à cultura letrada. Além disso, ele permitiu aos intelectuais e às elites políticas fazer eco ao seu saudosismo com relação à “belle époque” perdida com a fuga dos recursos advindos da venda da borracha. A visão da Amazônia fortemente escorada nas transformações da “belle époque” era complementada pela sensação de que o rádio:

estava voltado para um presente novo, moderno, tecnológico, de mãos dadas com uma visão de futuro, de mudanças, vanguarda, audácia, desafio. Enfim, foi a partir de sensibilidades como essa, que sociabilidades e ações foram construídas focalizando um projeto ou sonho: criar uma emissora de rádio e dar início às primeiras transmissões radiofônicas na Amazônia (OLIVEIRA, 2009, p. 3).

Estas potencialidades, contudo, não seriam imediatamente verificadas. O rádio demorou a penetrar na cultura

amazônica e fixar-se como a importante mídia que ainda hoje demonstra ser. Estes meios de comunicação, aqui explorados no espaço curto de um artigo, constituem novas formas de mobilizar indivíduos em torno de propostas políticas, mas têm alcance severamente limitado pelas dificuldades de integração da região. De qualquer forma que se pense, o estudo desta variedade de usos da mídia exige uma sensibilidade afinada com os estudos culturais e às apropriações diversificadas dos discursos modernos, sobretudo no que concerne à presença da mídia na construção de identidades sociais e na busca pela formação de regimes de visibilidade entre os grupos que se alternam no poder político em processo de consolidação, ambicionando se tornar porta-vozes do progresso.

Considerações finais

Neste breve esboço foram apresentadas três mídias e suas condições de inserção na Amazônia, todas aparentemente mutantes e diversas entre si. O desafio de uma leitura

integrada da construção das mídias na Amazônia poderia ser contornado pelo enfoque na sua politização e seu íntimo envolvimento com os governos municipais – como no caso da mídia impressa – e dos governos estaduais – como no caso da produção cinematográfica e do rádio. Contudo, esta grelha de análise logo se veria inadequada por conta do impulso comercial que alcançou estas mídias e pela sua penetração em nichos cada vez mais específicos. Resta ainda, contudo, pensar a íntima busca pela consolidação de uma identidade, num primeiro momento uma identidade moderna e republicana e, num segundo, a partir de 1930, uma identidade brasileira e popular, sempre em consonância com a ideia de que a Amazônia poderia servir de abrigo para a civilização brasileira. Tanto, portanto, nos discursos dos vários jornais impressos que reclamam visibilidade para a Amazônia, no cinema que busca mostrar a riqueza natural da região, e no rádio que busca evidenciar a cultura musical local, fica nítida a importância dessas mídias para a criação de uma

autopercepção da Amazônia, ainda que esse processo seja permeável a enormes diferenças regionais e fissuras.

A mídia impressa conquistou um alcance bastante dinâmico ao longo da árvore de rios amazônicos e no início do século XX já era um instrumento fundamental da governança nos municípios. Como demonstram os estudos sobre jornais operários, o seu alcance gradativamente ia se dilatando e adotando tópicos mais diversificados nas capitais Manaus e Belém. O cinema, no período mencionado, ficou confinado ao retrato do documentário da região, com intenção de popularizar ou vender a imagem da Amazônia como um Éden, uma terra passível de ser fecundada pelo gênio moderno. O rádio, ainda embrionário na década de 1920, começou a se expandir na esteira da ideologia da integração nacional promovida pelo Estado Novo em 1930 e encontrou, na década de 1940, o gênio ambicioso de Assis Chateaubriand. Já antes disso, contudo, demonstrava o seu potencial para a comunicação com os interiores e seu papel de abrigar agremiações da

elite. Resta daí a relação de proximidade entre a inserção das mídias e as iniciativas políticas e econômicas.

É importante por fim salientar que os estudos sobre a Amazônia e a mídia ainda estão encapsulados em estados e cidades específicas ou em mídias ou formatos discursivos bastante recortados que tornam difíceis os trabalhos de síntese. Poucas investigações resultam do diálogo de pesquisadores no Norte do país e ou encaram a presença de amazônias periféricas, igualmente importantes para a constituição de uma identidade cultural amazônica. Nesse contexto, torna-se necessário promover diálogos mais extensos envolvendo centro, periferias e outros lugares da bacia hidrográfica igualmente importantes para a composição de uma identidade amazônica em sincronia (ou não) com a gestação da política republicana no Brasil.

Referências

- AUGUSTO, Isabel Regina e TORRES, Andreia Martel. Anotações sobre imprensa e modernidade nas Terras do Cabo Norte: o caso do Amapá. IN: MUNARO, Luís Francisco (org) **Rios de Palavras**. Porto Alegre: Editora FI, 2017.
- BARBOSA. Marialva. **Os donos do Poder**: Imprensa, poder e público, 1880-1920. Vício de Leitura: Rio de Janeiro, 2000.
- BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, 2007.
- BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa e SEIXAS, Netília Silva dos Anjos, "O percurso da imprensa no Pará: de Belém rumo ao interior do Estado". IN: MUNARO, Luís Francisco (org) **Rios de Palavras**. Porto Alegre: Editora FI, 2017.
- COLFERAI, Sandro Adalberto. Entre trilhos e barrancos: a primeira fase da imprensa em Rondônia. IN: MUNARO, Luís Francisco (org) **Rios de Palavras**. Porto Alegre: Editora FI, 2017.
- COSTA, Selda Vale. **Eldorado das Ilusões**. Cinema e Sociedade (Manaus 1897-1835). Manaus: Editora da UFAM, 1996.
- COSTA, Selda Vale e COSTA Antonio José. O Cinema na Amazônia & a Amazônia no Cinema. Cinema no Amazonas. s/d Disponível em: <http://www.cpcb.org.br/artigos/o-cinema-na-amazonia-a-amazonia-no-cinema/> Acesso em Mar/2017.
- COSTA, Luciana Miranda, FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; OLIVEIRA, Sávio Senna Rocha de;. "Pelo direito de comunicar na Amazônia: Rádio Cabana FM, a voz da resistência popular!" **VII Conferência brasileira de Mídia Cidadã**. 2011. www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_artigos/Midia_Cidada_Fernandes.pdf



ISSN nº 2526-8031

Vol. 1, n. 2, Mai-Ago. 2017

DAOU, Ana Maria. **A cidade, o teatro e o 'Paiz das seringueiras'**. Rio de Janeiro: rio's Books, 2014.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908 – 1929)**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 2000.

GREGÓRIO, Vítor Marcos, **Uma face de Jano: A navegação do rio Amazonas e a formação do Estado brasileiro (1838-1867)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.

LEAL, Victor Nunes Leal. **Coronelismo, enxada e voto**. 7a ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

MUNARO, Luís Francisco e MODESTO, Francielle Maria. "Imprensa da borracha: os primeiros anos do jornalismo no Acre" IN: MUNARO, Luís Francisco (org) **Rios de Palavras**. Porto Alegre: Editora FI, 2017.

NOGUEIRA, Luís Eugênio. **O Rádio no país das Amazonas**. Manaus: Valer, 1999

OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos. "Voz da Amazônia nos anos 30: rádio, intelectuais e política". **Anpuh – XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho. O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel, **Sociologias** vol.13 no.26 Porto Alegre 2011

<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222011000100013>

PINHEIRO, Luís Balkar de Sá Peixoto. "Imigração, trabalho e imprensa em Manaus (1890-1928)". IN: **Revista Litteris**. n. 14 - setembro de 2014

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015.

PORTO JUNIOR, Francisco Gilson et all. O jornal Norte de Goyaz, agendamento e identidade no processo de criação do Estado do Tocantins. IN: MUNARO, Luís Francisco (org) **Rios de Palavras**. Porto Alegre: Editora FI, 2017.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e espaço público**. A institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964). Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia**. 1800-1920. São Paulo: T.A. Queiroz, 1973.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Márcio. **Silvino Santos**. O Cineasta do ciclo da borracha. Manaus: Edua, 2007.